

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DA ARTE POPULAR ALENTEJANA II. TABAQUEIRAS, CACHIMBOS, APATUSCOS.

MONIZ, Manuel de Carvalho

Ano: 1963 | Número: 73

Como citar este documento:

MONIZ, Manuel de Carvalho, Da arte popular alentejana II. Tabaqueiras, cachimbos, apatuscos. *Revista de Guimarães*, 73 (1-2) Jan-Jun. 1963, p. 127-140.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Da Arte popular alentejana (*)

II

Tabaqueiras-Cachimbos-Apatuscós

MANUEL DE CARVALHO MONIZ
Da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Um dos mais distintos etnógrafos portugueses, o já falecido Prof. Vergílio Correia ao iniciar um belo artigo sobre «Pintadeiras» ou «Chavões Alentejanos» publicado no primeiro número da magnífica revista TERRA PORTUGUESA, escreveu estes períodos:

«A província do Alentejo é a lareira onde arde mais vivo, mais claro e mais alto o fogo tradicional da arte popular portuguesa.»

Foi porém no Alentejo que o tronco secular da arte rústica bracejou com mais vigor, se cobriu de maior e mais cerrada floreação.

É lá que deveremos ir estudar e recolher as mais abundantes e por ventura as mais delicadas produções da nossa arte rústica» (1)

Escritas há quase cinquenta anos e publicadas em Fevereiro de 1916, têm estas frases extraordinária actualidade.

Se agora as transcrevemos no início deste estudo etnográfico é para tornar conhecidas tão importantes afirmações de um dos mais cultos etnógrafos portugueses, fazendo-as renascer das páginas já amarelecidas pelo tempo dessa tão antiga revista, onde tão belos artigos foram publicados.

(*) Vide *Revista de Guimarães* vol. LXXII (1962), p. 161.

(1) *Terra Portuguesa*, Ano I, n.º 1, Fevereiro de 1916, pág. 23.

Seguindo o exemplo de tão ilustre Professor procuramos «estudar e recolher» algumas das «mais delicadas produções» da arte popular alentejana, infelizmente tão pouco acarinhada pelos meus patrícios.

Procuramos também recolher e divulgar as mais belas peças de que vamos tendo conhecimento, para que de todo se não percam e continuem a atestar que na «província do Alentejo arde mais vivo, mais claro e mais alto, o fogo tradicional da arte popular portuguesa».

Deste modo também exaltamos os seus exímios artistas, sobretudo o pastor alentejano que é o «verdadeiro sacerdote deste culto ingénuo e tradicional da arte alentejana».

Nesta extensa Província que «dando às mãos ágeis e fantasistas matérias nobres e moldáveis — o mármore, o cobre, a lã, o coiro e o barro — a terra alentejana quis que a vida no seu corpo tivesse beleza», o seu artista máximo, verdadeiro sacerdote dedicado a este culto, ingénuo e tradicional, é, como dissemos, o pastor alentejano. (1)

Aproveitando o seu tempo, quer seja nos longos e quentes dias do verão, sentado à sombra da copa frondosa da azinheira, enquanto o rebanho *acarra* na calmaria, ou sentado à lareira nos intermináveis serões do inverno alentejano, usando da sua apreciada habilidade e paciência quase beneditina ao serviço duma inspiração artística que com ele nasceu, manejando o canivete, a navalha, a fasilha ou a legra vai cortando e *rameando* essas belas peças de arte.

Excelente vista, mão destra, tempo sem limite, porque a obra não tem prazo certo de acabamento, habilidade natural pois não há aqui professor nem discípulo, são estes os factores capitais que dominam a sua arte.

Muitas vezes o pastor, enquanto trabalha e para matar o tempo, vai também fumando, isto é, vai dando as suas *fumaças* no tabaquinho de onça, pois os cigarros feitos em papel enrolado são já dos tempos modernos. Antigamente era a oncinha de DUQUE, o cachimbo, a tabaqueira, os *apatuscos* e os alforghinhos, os objectos indispensáveis para sustentar o vício.

(1) Miguel Torga, *Portugal*, Coimbra, 1957, pág. 124-125.

Pois se o pastor costuma transformar, como artista, em belas peças de arte popular as colheres, os tarros, os chifres, porque não aplicar também essa «habilidade» na caixinha para trazer o tabaco, no cachimbo para fumar e nos alforghinhos para os *telixes* ou *apatuscos*?

Assim surge uma interessantíssima variedade de objectos de uso pessoal onde se apresenta toda a gama extraordinária das suas excelentes qualidades de artista da bela arte popular do

*Alentejo terra forte
da planície e dos trigais*

.....
.....
*Não há sol, como o teu sol
nestes céus de Portugal.*

Tabaqueiras

As tabaqueiras são geralmente caixas para guardar o tabaco nos bolsos, mas existem também tabaqueiras de mesa, como aquela que reproduzimos na *Fig. 5*.

O material utilizado é com mais frequência a madeira, sobretudo madeira de buxo, mas também usam a cortiça, o chifre, o coiro e até os tecidos. Algumas vezes o corpo da caixa é de madeira e a tampa é de cortiça, como acontece numa pertencente ao magnífico Museu da Casa do Povo de Estremoz, a que mais adiante faremos minuciosa referência.

Pelo interesse histórico e também pelo episódio passado entre o Rei D. Carlos e o seu possuidor, começaremos por estudar uma tabaqueira feita de chifre, que pertenceu ao falecido lavrador alentejano e oficial do Exército, o coronel de cavalaria Artur Calça e Pina da Câmara Manuel.

Este era pessoa muito desenvolta de linguagem e, por isso, também muito aproveitado pelo Monarca...

Frequentador assíduo do Palácio de Vila Viçosa sempre que D. Carlos ali se encontrava, era companheiro certo das caçadas e cavaqueador apreciado, pelo seu

interessante feitio, nos longos serões passados à lareira no inverno.

Certa ocasião em que o coronel Artur Câmara tirou do bolso a tabaqueira para fazer um cigarro, estando presente a Rainha D. Amélia, esta perguntou-lhe de que matéria era feita a tabaqueira, obtendo como resposta do coronel que «era feita de tartaruga do Alentejo».

D. Carlos, que se encontrava presente e querendo explorar a situação delicada que a pergunta da Rainha criava ao feitio libertino do coronel, voltando-se para ele insistiu em saber do que era feita a tabaqueira. Entretanto a Rainha D. Amélia, vendo a situação, muito discretamente levanta-se e sai do aposento. Momentos depois D. Carlos volta a insistir dizendo: — «Ó Artur do que é feita a tua tabaqueira?» Então o coronel, não podendo mais conter-se, respondeu de pronto: — «É de corno, Sua Magestade, é de corno». ⁽¹⁾

Como já escrevemos, esta histórica tabaqueira é feita de chifre de boi, está datada de 25 de Dezembro de 1891 e tem ao centro entrelaçadas as letras A C, monograma do seu primitivo dono — Artur Câmara (*Fig. 1*).

Tem as seguintes dimensões: altura — 0,100; base — 0,050 e 0,023; abertura superior — 0,065; largura — 0,028.

A abertura superior tem uma tampa de madeira com um espelho de metal de formato rômbo, embutido na tampa e fixo com dois pregos amarelos. A mesma tampa tem, na parte de dentro, o fecho embutido na madeira de cerejeira e fixa por seis pregos também amarelos, com dobradiça do lado direito e a lingueta do trinco da parte esquerda.

Actualmente esta tabaqueira é pertença do Ex.^{mo} Sr. Carlos Alberto Curvo Perdigão Piteira, neto do falecido Sr. Eliseu António Perdigão Pereira, a quem o seu primitivo dono Sr. Artur Câmara Manuel a ofereceu, por ser muito seu amigo e companheiro de caçadas.

*

No magnífico Museu Regional da Casa do Povo da cidade de Estremoz encontrámos duas belas peças que a

(1) Carlos Pires de Lima da Fonseca, *Roteiro da minha vida*, Lisboa, 1959, pág. 55.

gentileza dos seus dirigentes permitiu que estudássemos, fotografássemos e reproduzíssemos neste estudo. (*Figs. n.os 2 e 3*).

Trata-se de duas interessantes tabaqueiras feitas de madeira de buxo, com tampa de cortiça, com pega, regulando ambas pelas seguintes dimensões: altura — 0,113; largura — 0,075, e base — $0,075 \times 0,038$.

São trabalhadas a canivete, com desenhos, enquanto numa a figura central é uma roda denteada, na outra é uma figura estrelada envolta em faixas diferentes geometricamente.

*

A tabaqueira que reproduzimos na *Fig. n.º 4* é das mais belas peças que conhecemos; foi executada pelo lavrador do Monte dos Alpendres, freguesia de S. Bento do Mato, do concelho de Évora, Sr. João José Perdigão.

Trabalho de grande categoria artística não só pela magnífica composição dos temas utilizados, onde predominam folhas, flores, cercaduras entrelaçadas, corações, etc., mas, sobretudo, pelo metucioso e paciente cuidado posto em tão bela execução.

Consta que levou seis meses a executar e foi feita no ano de 1875, para oferecer a um seu tio de nome António Calado, e, por isso, gravou nela as suas iniciais A C, nos dois triângulos. O material utilizado nesta bela peça é a madeira de cerejeira, e tem as seguintes dimensões: altura — 0,950; largura — 0,062, e bases — 0,023.

Esta magnífica peça de arte popular é actualmente pertença do Ex.^{mo} Sr. Dr. Armando José Perdigão, de Évora, que teve a gentileza de permitir a sua reprodução e forneceu os elementos referidos.

*

A caixa de tabaco que reproduzimos na *Fig. n.º 5* destina-se a estar em cima duma mesa. É feita em madeira de azinho e foi seu autor, há cerca de quinze anos, um carpinteiro de nome Gaspar Gomes Rosa, do Monte do Azinhal, no concelho de Évora. Foi mandada fazer por desenho e orientação do então proprietário do referido

«Monte», o Ex.^{mo} Sr. Miguel Joaquim de Matos Fernandes, que então fumava cachimbo e nela guardava o tabaco. Como dissemos, é feita de madeira de azinho e o puxador da tampa é parte dum chifre de gamo, morto na tapada da referida herdade do Azinhal. Esta bela peça pertence actualmente ao Ex.^{mo} Sr. Fernando Miguel de Moura Fernandes, residente em Évora.

*

Finalmente, queremos referir duas magníficas *patacas* que, de natureza bem diferente, não podíamos deixar de incluir neste nosso trabalho etnográfico.

A primeira, (*Fig. 6*), é uma *pataca* feita de cortiça e foi executada por um jornaleiro alentejano. Pertence ao Ex.^{mo} Sr. João Marques Fialho, da vila de Portel, no distrito de Évora, e tem gravada, no terço superior, as iniciais do nome do seu proprietário — J. M. F.

É formada apenas por duas peças: o depósito e a tampa, que encaixa, verticalmente, naquele. Tem desenhos riscados e, ao centro, dois corações ligados entre si.

A gentileza do Ex.^{mo} Sr. Alberto de Campos Lopes, pertencente a uma antiga família de grandes lavradores e proprietários do concelho de Portel, sabendo do nosso interesse por estes assuntos da arte popular alentejana, devemos a amabilidade de tomar a iniciativa de nos trazer a interessante *pataca* que reproduzimos na *Fig. 7*.

Trata-se duma *pataca* feita em veludo e toda bordada a ouro, com grande perfeição. Foi executada por D. Maria Angélica Piteira Fernandes Lopes, por alturas de 1862, para oferecer ao noivo, o Ex.^{mo} Sr. Joaquim António Lopes, com quem veio a casar em 1863.

Compõe-se de duas peças: a caixa ou depósito para o tabaco e a tampa. A primeira, em veludo de cor roxa, é bordada a ouro e de ambos os lados tem uma cercadura de lantejoulas entrelaçada. Por sua vez, a tampa é de veludo azul, tem de um lado e ao centro, entrelaçadas, as letras iniciais do nome do seu proprietário J A L — (Joaquim António Lopes), com uma cercadura bordada a ouro, lantejoulas e quatro pedras imitação de rubis. Aos quatro cantos, arabescos bordados a ouro imitando folhas. Finalmente, uma cercadura também bordada a ouro e lantejoulas,

com duas pedras (topázios) em baixo e uma esmeralda ao centro e na parte superior. Do outro lado, uma cercadura bordada nas mesmas condições que as anteriormente descritas, com duas pedras (rubis iguais aos de cima) na parte de baixo e uma pedra formato «marquise», imitação de rubi.

Esta bela peça tem as seguintes dimensões: altura — 0,110; largura — 0,075, e abertura — 0,030.

Pela sua magnífica composição e execução, pela disposição do desenho e pela sua antiguidade, pois tem mais de um século, esta interessante *pataca* é, de facto, uma peça do mais alto valor artístico.

Cachimbos

Encontravam-se antigamente interessantes cachimbos feitos de madeira onde não só a habilidade do artista se manifestava na execução perfeita das peças, mas também no espírito inventivo com o respectivo *segredo* na tampa do cachimbo.

Dos vários que conhecemos, apenas faremos referência neste nosso estudo a dois deles, porque estes são, de facto, dois interessantíssimos exemplares que têm a particularidade singular de, apesar de executados por artistas vivendo em locais bastante distanciados, pois um é da região das Alcáçovas (Évora), o outro é já do distrito de Beja, apresentarem todavia, como motivo decorativo comum, a bota.

O cachimbo cuja fotografia publicamos na *Fig. 8* é pertença do Ex.^{mo} Sr. Dr. António Manuel de Sousa Murteira, residente na vila das Alcáçovas, do concelho de Viana do Alentejo (Évora), e foi-lhe oferecido por um criado como prenda de aniversário natalício.

A peça, feita em madeira de buxo, está datada de 21 de Junho de 1950.

O corpo ou depósito para o tabaco reproduz a cabeça duma raposa, de orelhas esticadas e boca denteada. É precisamente na boca que se abre o cachimbo, servindo de tampa a parte superior da cabeça. Esta tampa está ligada à boquilha do cachimbo por dois *segredos*: um do lado esquerdo, que serve de eixo da tampa, e dois seguidos do lado direito, que servem de trancas. Para

quem não seja o proprietário do cachimbo e o queira utilizar tem certa dificuldade para abrir a tampa, isto é, a cabeça da raposa, pois não é fácil abrir os *segredos*.

Na estremitade da boquilha tem uma pequena bota feita de madeira, cujo cano, na parte superior, tem uma anilha de metal, e esta bota serve de cabo a um estilete de metal utilizado para limpar o corpo do cachimbo e desentupir a boquilha.

*

O cachimbo do Museu Regional de Beja (*Fig. 9*) é uma bela peça de arte rústica alentejana não só pelo trabalho artístico de execução primorosa, mas também pela composição decorativa lavrada em rija madeira de buxo. Além da fantasia o cachimbo tem uma tampa que se articula na parte superior do cano da bota. É uma peça de 0,120 de comprimento e onde o seu autor, um pastor alentejano, comprova as suas extraordinárias qualidades de artista.

O corpo ou depósito do tabaco parece ter sido inspirado numa bolota e a tampa está ligada à boquilha por uma peça de madeira. Também aqui o artista usou a bota de salto de prateleira e cano alto rameado, como elemento decorativo apenas incrustado na boquilha. (1)

Apatuscos

Até aqui tratamos das tabaqueiras rústicas para os fumadores trazerem o tabaco, e, depois, dos cachimbos para fumarem e «matarem o vício». Parece interessante discorrer agora sobre as formas como o fumador fazia lume e acendia o cachimbo nas épocas remotas em que não existiam fósforos nem isqueiros, e muito menos o

(1) *Arquivo de Beja*, Vol. IV, 1947, pág. 58, e Vol. VII, 1950, pág. 185.

Guia Turístico de Beja, 1950, pág. 38. *Mensário das Casas do Povo*, Artigo do Prof. Abel Viana, Ano VI, 1952, Julho, n.º 73, pág. 8-9.

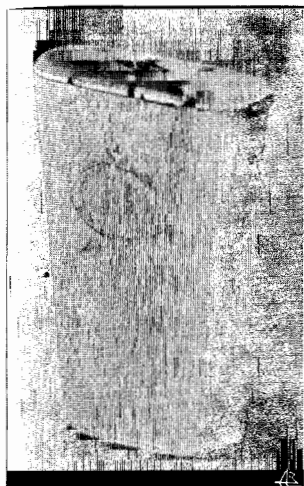


Fig. 1

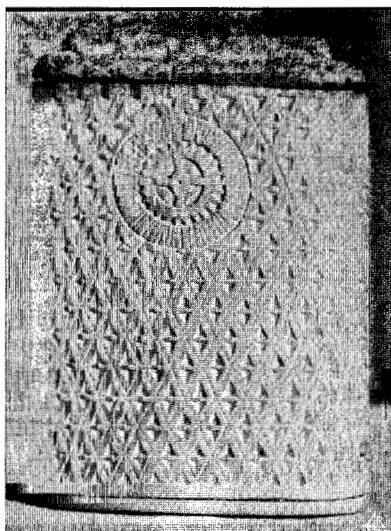


Fig. 2

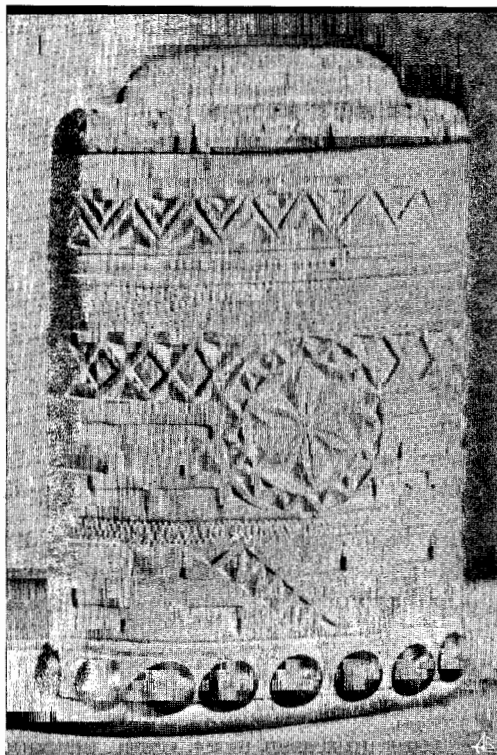


Fig. 3



Fig. 4

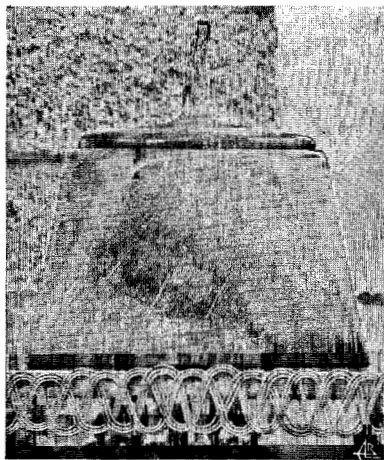


Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7 .

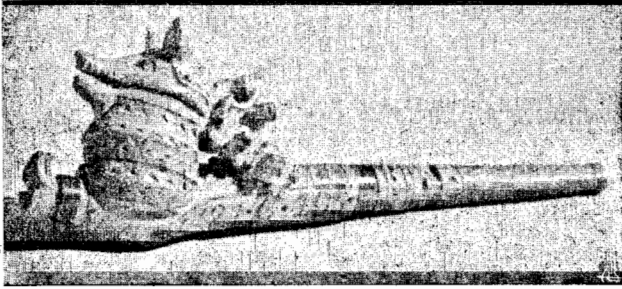


Fig. 8

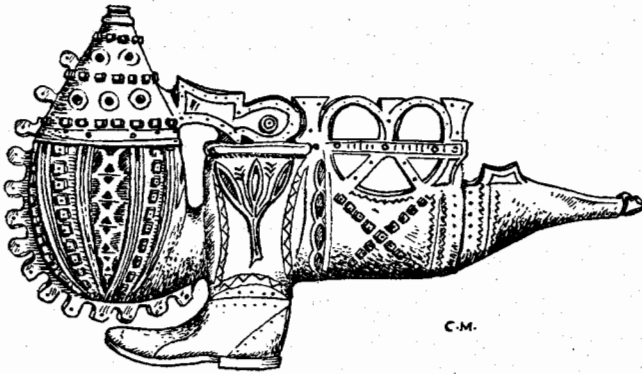


Fig. 9

cigarro revolucionário em que basta encostar a ponta ao bordo externo do maço e puxar uma fumaça, para ficar imediatamente aceso (1).

No Alentejo designam-se por *apatuscos*, ou por *apetiscos* o conjunto da fuzileira, isca e pederneira que os rurais utilizavam para fazer o lume e acender o cachimbo ou o cigarro.

O poeta alentejano Conde de Monsaraz, na poesia TRAGÉDIA RÚSTICA, refere-se a este hábito:

«Quando o sino batia
As doze badaladas do meio-dia,
O trabalho parava
E todo o bom católico rezava,
De cabeça inclinada e olhos no chão,
Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria,
Com o chapéu na mão.

Logo a seguir comia
Avidamente, esvaziando o tarro,
O seu magro jantar;
E estendendo-se ao pé duma azinheira
Petiscava o fuzil na pederneira,
Acendia um cigarro
E punha-se a fumar.» (2)

Na região de Montemor-o-Novo, distrito de Évora, chamam-lhe *apetiscos*, enquanto o dicionarista Cândido de Figueiredo nos dá o vocábulo *petisco*, como termo geral, escrevendo que é «o fuzil para ferir lume na pederneira».

José António Capela e Silva, ao estudar a vida rural na região de Elvas, faz referência expressa aos *alforginhos* para os *telizes* ou *petiscos*. Também José António Pombinho Júnior, no seu interessante *Vocabulário*, refere com desenvolvimento, todos estes vocábulos com a respectiva significação e local onde recolheu o seu emprego (3).

(1) Conforme os jornais noticiaram em 23 de Março de 1963, a «Regie» do Principado de Mónaco lançou no mercado este cigarro revolucionário.

(2) *Musa Alentejana*, Lisboa, 1954, pág. 81.

(3) J. A. Capela e Silva, *Através dos Campos*. Ten. J. A. Pombinho Júnior, *Retalhos de um Vocabulário*, 1939, pág. 74.

Para se fazer um estudo tanto quanto possível metódico dos *apatuscos* parece ser aconselhável parcelar cada uma das peças que os compõem, isto é, a fuzileira, a pederneira, a isca e o fuzil.

A *fuzileira* é geralmente feita de couro ou de pano e destina-se a guardar ou enrolar a pederneira, o fuzil e a isca. Algumas vezes é um simples alforghinho bordado, outras vezes, como no exemplar reproduzido na *Fig. 10*, e que foi executado por uma camponesa da aldeia de Peroguarda, do concelho de Ferreira do Alentejo, Beja, para oferecer ao seu «conversado», a fuzileira é feita de pano, bordado a várias cores, com um laço e fitas para depois enrolar (1).

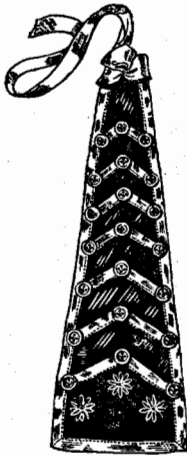


Fig. 10

serve de pega. Algumas vezes tem gravadas as letras iniciais do nome do seu possuidor e outras vezes tem apenas desenhos geométricos ou simples riscos.

A peça da *Fig. 11*, desenhada pelo Dr. Aníbal Rosa Bruno, ainda actualmente é utilizada por um pastor da região de S. Manços, no concelho de Évora, que amavelmente a cedeu para este nosso estudo. É uma fuzileira de couro e tem três pequenas bolsas, sucessivas, cosidas a uma faixa de 54 cm., que vai estreitando e serve para enrolar sobre si (*Fig. 12*). Na primeira bolsa é guardado o fuzil, na segunda a pederneira e na última a isca.

O *fuzil* é um pedaço de ferro ou aço que serve para ferir ou petiscar na pederneira, a fim de fazer a fâisca e pegar o lume à isca. Esta peça apresenta-se com vários formatos: rectangular, oval, figurando um oito com a parte superior

muito maior do que a inferior que

(1) *Guia Turístico de Beja*, 1950, pág. 37. *Arquivo de Beja*, Vol. VII, pág. 172.

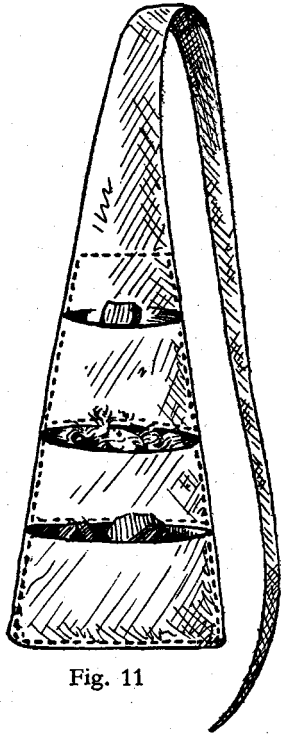


Fig. 11

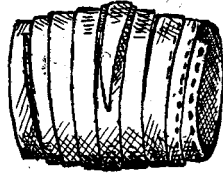


Fig. 12



Fig. 13

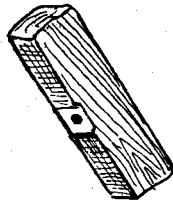
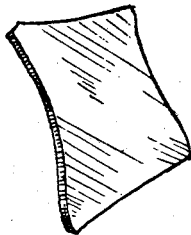


Fig. 14

Os dicionaristas Cândido de Figueiredo e António de Moraes Silva (1) registam, como termo geral, *petisco* — o fuzil para ferir lume da pederneira.

A *pederneira* consiste num pedaço de sílex pirómaco, isto é, pedra de ferir lume que desde tempos remotos o homem primitivo utiliza para fazer o fogo.

Finalmente, a *isca* é uma matéria facilmente combustível em que se recebem as faíscas feridas com o fuzil da pederneira para se acender lume. Os camponeses alentejanos fazem esta isca com a folha larga dum planta denominada cardo e a que, por isso, o povo chama *cardo-isca*. Depois de posta a secar ao sol é amassada com cinza e água (*Fig. 13*). Fazem então umas bolas cilíndricas que vão depois ao forno para secarem bem. Seguidamente estas bolas são muito bem batidas com um pau, para cair toda a cinza, ficando somente a isca com que acendem o tabaco.

Vamos agora apresentar o conjunto de *apatuscos* que consideramos deveras original e interessante, tanto mais que ainda agora é utilizado por um jornaleiro da freguesia de Nossa Senhora de Machede, no concelho de Évora, e que há muitos anos já era utilizado também por um velhote da mesma aldeia.

Supomos ter esta peça algum valor etnográfico pois parece marcar uma transição da utilização dos primitivos *apatuscos*, tal como os descrevemos, e o conhecido isqueiro com a pedra, a roda e a torcida de algodão. A substituição da pederneira pela pequena pedra de isqueiro, é a inovação mais interessante. Também aparece como peça original a substituir o fuzil, um pequeno pedaço de um vulgaríssimo espelho, cujo «aço» faz as vezes da rodinha de metal do isqueiro, produzindo a faísca.

Mas é preferível fazer a descrição minuciosa das peças que o rural imaginou utilizar para fazer o lume e acender o cigarro (*Fig. 14*).

Primeiro um pequeno tubo de cana com 0,050, que é atravessado por uma torcida de algodão branco; depois um pedaço de espelho com $0,031 \times 0,019$ e, finalmente,

(1) António de Moraes Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.^a ed., Vol. I, págs. 982 e 998.

um pedaço de madeira com $0,038 \times 0,010$. Neste bocado de madeira, ao centro, está incrustada uma pedra de isqueiro, que, fuzilando contra o espelho produz a fálscia que vai incendiar a parte superior da torcida de algodão saliente do tubo de cana. Depois de aceso o cigarro esta torcida de algodão é recolhida no tubo e, com o dedo polegar, fecha a parte superior e apaga o lume.

*

Todas estas interessantes peças e muitas outras que, certamente, se podem reunir num estudo deste género, atestam o valor da arte popular alentejana e quanta razão assistia ao ilustre poeta Raimundo António Bulhão Pato, (1829-1912), que, não sendo natural desta província, diz numa das suas tão belas poesias sobre esta região:

*«Ninguém lhe dá de rosto
Ao franco Alentejano
Em bizarria e gosto.»*